

Viso · Cadernos de estética aplicada

Revista eletrônica de estética

ISSN 1981-4062

Nº 4, jan-jun/2008

<http://www.revistaviso.com.br/>

Viso.

**O (ab)uso da palavra fascismo:
a recepção de *Tropa de Elite***

Pedro Caldas

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Uberlândia, Brasil

RESUMO

O (ab)uso da palavra fascismo: a recepção de *Tropa de Elite*

Este ensaio considera a recepção do filme *Tropa de elite*, de José Padilha. O filme suscitou um acalorado debate na imprensa brasileira, que em parte o acusou de fascista, enquanto seus defensores argumentaram que se tratava de um retrato realista da corrupção policial e degradação social no Rio de Janeiro. Meu principal objetivo é, então, analisar como a palavra “fascista” foi (ab)usada por ambos os lados.

Embora não defenda a ideia de que o filme de Padilha seja fascista, posto que não se enquadra em nenhuma definição de uma obra de arte fascista, sugeri também que ele não é um mero quadro formado por meio da perspectiva de um policial, uma vez que contém procedimentos e técnicas naturalistas. Neste sentido, *Tropa de elite* é ainda mais problemático do que sua alegada apologia fascista.

Palavras-chave: fascismo – recepção – cinema brasileiro – Rio de Janeiro

ABSTRACT

The (Ab)use of the Word Fascism: the Reception of *The Elite Squad*

This essay considers the reception of José Padilha's *The Elite Squad*. The film launched a hectic debate amongst the Brazilian press, which partially accused it of being “fascist”, while its supporters argued that it was a realistic portrait of police corruption and social degradation in Rio de Janeiro. My main purpose is then to analyze how the word “fascist” was (mis)used by both sides of the dispute.

While I am not advocating that Padilha's movie is fascist, since it doesn't fit into any definition of a fascist work of art, I will suggest that it is also not a mere picture shaped through a policeman's perspective, since it contains highly naturalistic procedures and techniques. In this sense, *The Elite Squad* is even more problematic than its allegedly fascist apology.

Keywords: cinema – fascism – Padilha – *The Elite Squad*

CALDAS, P. “O (ab)uso da palavra fascismo: a recepção de Tropa de Elite”. In: *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. II, n. 4 (jan-jun/2008), pp. 46-56.

DOI: 10.22409/1981-4062/v4i/54

Aprovado: 15.03.2008. Publicado: 30.06.2008.

© 2008 Pedro Caldas. Esse documento é distribuído nos termos da licença **Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional** (CC-BY-NC), que permite, exceto para fins comerciais, copiar e redistribuir o material em qualquer formato ou meio, bem como remixá-lo, transformá-lo ou criar a partir dele, desde que seja dado o devido crédito e indicada a licença sob a qual ele foi originalmente publicado.

Licença: http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR

Accepted: 15.03.2008. Publicado: 30.06.2008.

© 2008 Pedro Caldas. This document is distributed under the terms of a **Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International** license (CC-BY-NC) which allows, except for commercial purposes, to copy and redistribute the material in any medium or format and to remix, transform, and build upon the material, provided the original work is properly cited and states its license.

License: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Nelson Rodrigues sempre dizia que o melhor crítico de cinema era o ladrão que bate uma carteira e, para se safar da perseguição policial, resolve se esconder na sala de cinema mais próxima. Uma vez sentado, aproveita e vê o filme. Se o larápio gostasse da película, dizia Nelson, o filme era bom. Caso contrário, o filme era ruim.

Claro que esta piada de Nelson Rodrigues se insere em um contexto. O dramaturgo zombava dos espectadores que gostavam de certos filmes e certos diretores antes mesmo de vê-los. Sinceramente: quantos apreciadores de cinema se sentiam obrigados a dizer que gostavam de um filme de Godard ou de Antonioni, pois tinham medo de assumir o impasse (ou o tédio) causado pelo filme e parecer burros aos amigos?

Podemos levar a piada mais longe. Nelson imaginava um espectador puro, sem poses ensaiadas e teorias estabelecidas. Como de costume, Nelson exagerava, pois há uma diferença entre a necessidade social de fazer uma pose de inteligente e o reconhecimento de que, apesar de nossa capacidade de formar um juízo próprio, somos condicionados e determinados por uns tantos fatores, a começar pelo sistema de distribuição de filmes em nossas cidades, que impõe o que ver, a que horas e em que bairros, e, pior, por quantas semanas.

Pois bem: não vou negar que são muito válidas as teses sobre autonomia da arte e os estudos sobre linguagem e forma. No caso de *Tropa de elite*, contudo, nem o ladrão da piada teria esta visão pura.

O filme de José Padilha, além de jogar lenha na fogueira da discussão sobre a pirataria, meteu a mão em uma casa de marimbondos. Não sei se outros espectadores também se incomodaram com o problema, mas é indiscutível que ela apareceu nos meios de comunicação. O leitor de boa memória já deve ter adivinhado que se trata da discussão se *Tropa de elite* é ou não fascista.

O mais importante não é avaliar qual o grau atingido por uma obra em uma suposta Escala Mussolini de devoção fascista, mas considero central, em um primeiro momento, que a própria discussão sobre o caráter fascista seja, ela mesma, tema de reflexão. Evidentemente, há outras maneiras de tentar perceber como o filme foi incutido nas mentes antes mesmo de ser visto, mas esta é uma delas.

Padilha em Nuremberg

O primeiro *round* ocorreu após a pré-estréia do filme, na abertura da última edição do Festival de Cinema do Rio de Janeiro. No dia 25 de setembro de 2007, o jornalista Arnaldo Bloch perguntava em seu *blog*: “Tropa de elite é fascista?”. E nele dizia algo sensato, e com o que eu sinceramente concordo: “Tudo no filme que não é o discurso do Capitão Nascimento soa ridículo, risível, até porque os demais personagens são extratos estereotipados numa narrativa que se quer naturalista, mas crivada de cortes que de

abrangentes nada têm”.¹ E o Capitão seria “[...] libertador de todos os medos e todas as culpas, vingador natural de todos os corações desprotegidos, resultante transcendente de todo o bem e todo o mal”.²

Mas há um problema no texto de Arnaldo Bloch: ele não explica qual sua definição de fascismo. Pelas suas palavras, pressupõe-se que fascismo seja aquele que faz do outro um ser mais do que unidimensional, mas, sobretudo, ridículo. Repito: concordo com o jornalista, pois o Capitão Nascimento é o único personagem ambíguo do filme. André Matias também é um personagem dividido, mas seu conflito é temporário, mera etapa para a configuração definitiva; sua divisão aparece, ao menos sob os olhos de Nascimento, como uma virtude, ao passo que todos os demais – os policiais, os estudantes, os políticos – são exclusivamente maus.

Como se sabe, Wagner Moura, o ator que interpreta o Capitão Nascimento, escreveu uma resposta ao texto de Arnaldo Bloch³, na qual defende a obra da qual é protagonista e narrador. E em sua réplica, enquanto manifesta preocupação com o tratamento de herói dado ao seu personagem, diz que o filme não é fascista porque gera o debate. Mas o debate se dá no público, e não na obra em si, em sua estrutura. Claro, historicamente o fascismo não tolerava o debate, pois o considerava característica de uma época intelectualista, e, portanto, decadente e incapaz de agir. Nenhum fascista jamais fez questão de mascarar seu desprezo pela democracia parlamentar e, sempre que chegou ao poder, o fascismo nunca se mostrou exatamente democrático, cerrando as portas para qualquer debate saudável e representação baseada na pluralidade política. Mas o fato de o filme ter gerado debate não significa que ele não seja fascista, mas que os participantes do debate não o são. Na Alemanha do pós-guerra, por exemplo, sempre houve intensas discussões se partidos da direita radical como o NPD (Partido Nacionalista Alemão) ou o REP (Partido Republicano) deveriam ser considerados ilegais. Ora, e não é o fato de tais partidos existirem e gerarem polêmica que lhes borra o caráter fascista ou de extrema-direita.

Jorge Antônio Barros, outro jornalista, também afirma em seu *blog*: “O filme não é fascista. É apenas uma denúncia vigorosa contra o tráfico nas favelas do Rio, a violência policial e a corrupção na Polícia Militar”.⁴ O filme tem, portanto, um caráter revelador: nele, vê-se algo que não se perceberia claramente se jamais tivesse sido rodado. E complementa que “o filme só é fascista para quem se ofende com alguns debates que suscita, como o da falência total da polícia como órgão de fiscalização da sociedade e o da cumplicidade dos usuários de drogas ilícitas (sobretudo os de fim de semana) com o tráfico das favelas”⁵, não deixando, porém, de estabelecer a distinção entre a mensagem do filme e o perfil fascista de seu protagonista (“o capitão Nascimento [...], sim, daria um excelente camisa-preta de Mussolini, por sua moral decadente”⁶). Um outro lado da platéia é percebido por Artur Xexéo, que não considerou o filme problemático, mas a reação de generosa parcela do público ao mesmo: “Melhor do que criticá-lo é refletir sobre o que nos transformou em gente assim”.⁷ Uma declaração do antropólogo Luiz

O (ab)uso da palavra fascismo: a recepção de *Tropa de Elite* · Pedro Caldas

Eduardo Soares na qual ele revela que três em dez brasileiros apóiam a tortura é uma prova da preocupação do colunista.⁸

É conspícuo que a palavra fascismo seja usada com tanta facilidade. Também não é o momento de uma aula de história ou de ciência política, mas é interessante ver que a palavra fascismo aparece do nada, tanto para ofender como para se defender. Tal uso fácil de um termo pesado e agressivo precisa ser analisado. No mínimo, indica algo sobre a polarização velada em que vivemos, tanto mais curiosa porque é evidente uma situação na qual a esquerda mantém práticas por ela antes condenadas e os conservadores são incapazes há décadas de se aglutinar em torno de uma força política que os identifique.

Jorge Antonio Barros falou em “moral decadente” e Wagner Moura em ausência do debate como características do fascismo. Mas o filme é fascista? Não sei. O conceito de fascismo é complexo, mas a visão de mundo de Nascimento corresponde a alguns elementos essenciais do fascismo⁹, tais como: sensação de crise catastrófica (violência urbana), causada por elementos nocivos presentes na própria sociedade (o burguês da zona sul e o policial corrupto são impuros aos olhos de Nascimento, como um dia o foram judeus e comunistas perante os nazistas), para a qual não há saída racional (portanto, dispensa o serviço de inteligência do Estado e a aplicação do Estado de Direito), e que deve, então, ser combatida com violência a partir de uma comunidade perfeitamente integrada (o BOPE) e comandada por um líder heróico (Nascimento), que pretende, então, restaurar a vida pacífica (familiar). E se o imperialismo é uma característica dos regimes fascistas, poder-se-ia dizer, com boa vontade interpretativa, que o problema vivido no Rio de Janeiro é, sobretudo, um problema territorial. Invadir favelas, cercá-las, ocupar ruas com passeatas pela paz. O conflito que gira em torno ao BOPE, neste sentido, implica também uma lógica da conquista de territórios, ainda que politicamente, em sentido formal, tais espaços pertençam ao mesmo município.

Curiosamente, o que talvez falte ao filme seja algo inescapável em algumas obras assumidamente fascistas, a saber, a beleza que não escapará mesmo aos olhos daqueles que repudiam tal ideologia. Como negar o talento de Leni Riefenstahl, mesmo que se considere abjeto o conteúdo de *Triunfo da vontade* e *Olympia*? Mas, se o leitor me permite o juízo, não consegui ver em *Tropa de elite* sequer um fotograma que estivesse à altura dos que Leni Riefenstahl um dia produziu. Neste ponto, a visão de Capitão Nascimento não vem empacotada de maneira atraente e sedutora – mas não sei se, mesmo se o quisesse, ele teria sido capaz de fazê-lo. Estilisticamente, Padilha se parece mais com Tarantino, sem, claro, a verve deste. Afinal, o espectador atual já se fartou com *Kill Bill*, *Pulp Fiction*, e somente aqueles com interesse na história do cinema e na história do Terceiro Reich tiveram a paciência de aturar as quatro horas do documentário sobre os Jogos Olímpicos de Berlim.

De todo modo, parece-me que há um problema central: somente o seu protagonista/narrador é um “camisa negra”? O filme é uma obra, e, neste sentido, como

O (ab)uso da palavra fascismo: a recepção de *Tropa de Elite* · Pedro Caldas

poderíamos caracterizar uma obra como fascista? A este respeito, há um texto de Susan Sontag sobre a própria Leni Riefenstahl que talvez ajude a pensar um pouco sobre o assunto. Para a escritora americana, “a estética fascista é baseada no refreamento de forças vitais; os movimentos são restritos, contraídos e reprimidos”¹⁰, trata-se de uma estética em que “as relações de dominação e de escravização tomam a forma de uma pompa característica”.¹¹ E segue:

A arte nazista é reacionária, desafiadoramente desengajada da corrente principal das conquistas realizadas no campo das artes deste século [...] Para um público não-sofisticado na Alemanha, a atração da arte nazista talvez se desse porque ela era simples, figurativa, emocional; não-intelectual; um alívio às exigentes complexidades da arte modernista.¹²

É indiscutível que *Tropa de elite* é capaz de segurar o espectador do início ao fim. Mesmo aquele que não gostou do filme (o meu caso, por exemplo) se vê preso na trama narrada em *off* por Wagner Moura. Mas isto não faz do filme fascista, a não ser que se force a barra e se identifique capacidade de envolvimento (nem que seja pela irritação) com fascismo. Do mesmo modo, nem toda predileção pela arte figurativa seria em si fascista, pois reproduziria mais uma posição conservadora ou mesmo pequeno-burguesa¹³ do que exatamente fascista.¹⁴

Sobre os aspectos estéticos, sugiro a leitura do bom texto de Daniel Caetano. Mesmo que não concorde com tudo, o crítico trata de alguns pontos fundamentais concernentes à estratégia narrativa de *Tropa de elite*.

A respeito de um dos aspectos mais inflamáveis do filme, Daniel Caetano comenta algo que não encontrei em outras reportagens e análises da obra:

Imagine o leitor que a já célebre cena de *Tropa de elite* em que o aspirante/estudante Matias questiona sua turma na faculdade tivesse um final diferente. Imaginemos que, ao invés de um silêncio sepulcral, a acusação de Matias – de que seus colegas não conhecem a realidade do dia-a-dia da polícia e que contribuem para o tráfico enquanto vivem tranquilos nos seus apartamentos na Zona Sul – tivesse sido sucedida por uma grande balbúrdia, com o jovem cercado por gritos dos seus colegas, fruto da discordância que aquela afirmação polêmica geraria. Possivelmente assim a cena seria mais verossímil, mais realista acerca das relações e reações dos personagens envolvidos. [...] O que quero notar é que o silêncio de uma turma de estudantes, ao ser acusada por um colega de não compreender o papel da polícia e ser cúmplice de criminosos, não é verossímil, é fabular. A cena se desenrola no filme do modo que vemos por um interesse central da sua narrativa: mobilizar o espectador, incomodá-lo, levá-lo a tomar posições [...].¹⁵

A passagem do filme aludida no comentário do crítico é uma dentre várias que encena um problema discutido socialmente, a saber, o suposto financiamento do tráfico pela

O (ab)uso da palavra fascismo: a recepção de *Tropa de Elite* · Pedro Caldas

classe média consumidora de drogas ilegais. Que há compra e venda, é claro. Mas o crítico tem razão ao comentar que a passagem é fabular, inverossímil. Primeiramente, enfatiza uma escolha do diretor; em segundo lugar, porque o debate de sala de aula no filme poderia ser perfeitamente continuado. Imaginemos um outro filme com o seguinte argumento: um vírus de procedência alienígena é inoculado nos cariocas durante seu sono, de modo que eles não sentem mais a necessidade de consumir qualquer tipo de entorpecente, desde a inofensiva cervejinha dominical até as pedras de *crack*. O vírus acabaria com a violência? O que fariam os traficantes, subitamente órfãos de seus consumidores? Passariam imediatamente a decorar sonetos de Camões? Ou prefeririam mudar de ramo, passando a seqüestrar qualquer coisa que respire, assaltar muito mais ônibus, arrombar residências etc, deixando o crime mais diversificado e espalhado pela cidade? Vou fazer que nem o Padilha: deixo a escolha com os leitores, se é que os terei.

Ainda sobre a estratégia narrativa do filme, Daniel Caetano comenta que, ao contrário de *Cidade de Deus*, onde fica clara a intenção de simpatizarmos com o narrador, *Tropa de elite* é propositalmente ambíguo em sua construção de personagem. O filme, ressalta o crítico, não faz opções, deixando mesmo para o leitor a escolha moral de ver em Capitão Nascimento um herói ou um torturador. Usando a linguagem política: é um filme que adota a função de plebiscito. Como assim? Em um texto sobre a possível adoção do parlamentarismo como forma de governo na Alemanha da República de Weimar¹⁶, Max Weber comenta que em tempos de absoluta apatia política a sociedade civil é incapaz de se organizar de maneira autônoma e os partidos políticos são igualmente ineficazes em representar os desejos e anseios da população, sendo assim necessária a figura de um presidente forte, capaz de, atropelando o papel de um parlamento paralisado (teoricamente o lugar do diálogo, das sutilezas, das concessões), jogar à sociedade uma pergunta que exige uma resposta clara: sim ou não? Não há espaço para tonalidades ou matizes. O filme é plebiscitário justamente por reduzir incrivelmente o leque de opções e saídas, a ponto de acharmos que não há saída mesmo.

Ou seja: malgrado seus depoimentos, ainda assim José Padilha teria feito um filme fascista ao escolher Capitão Nascimento como narrador? Ou seria o filme, digamos, populista? Ok, mesmo que o filme não seja fascista, isto ainda não o deixa à margem de algumas críticas e de algumas questões que gostaria de começar a discutir a seguir.

Veja o filme, mas não leia o livro.

Nas opiniões e críticas que pude coligir sobre o filme há algo interessante: de tal forma *Tropa de elite* se tornou um fenômeno catártico de massa que ofuscou quase completamente o livro que lhe deu origem, *Elite da tropa*, de autoria de Luiz Eduardo Soares, André Batista e Rodrigo Pimentel.¹⁷ A inversão dos nomes do título não poderia ser mais expressiva. Explico.

O (ab)uso da palavra fascismo: a recepção de *Tropa de Elite* · Pedro Caldas

Se foi capaz de causar imenso rebuliço em jornalistas geralmente ocupados com outros assuntos, imaginemos o que *Tropa de elite* fez no habitat dos críticos de cinema. Achei interessantíssimo que as análises de críticos tenham sublinhado algo semelhante, a saber, o caráter quase documental. Escreve Eduardo Valente, da *Revista Cinética*: “[...] o filme deixa claro que, como encenador de ficção, falta a José Padilha um olhar pessoal”¹⁸, e usa como argumento a equipe técnica montada para a realização da obra. O mesmo crítico alerta que são infelizes as críticas que acusam a obra de direitista, reacionária ou coisa que o valha, pois ele é francamente construído a partir de uma perspectiva. Até aí tudo bem, pois seria o mesmo que acusar Vladimir Nabokov de pedófilo por ter escrito *Lolita* e criado Humbert Humbert. E conclui Valente: “*Tropa de elite* não tem soluções a oferecer, nem respostas a dar. Afinal, ele só quer ‘documentar’ um estado de coisas – humano e social. E inegavelmente isso ele faz, como filme, como fenômeno mediático, como provocador de reações”.¹⁹

Sem dúvida alguma, o filme provocou reações, e neste sentido ele é um documento de nossos dias, destacadamente da polarização de nossa cultura política. Não concordo, todavia, que ele ofereça uma visão documental da realidade carioca. Não sou sociólogo, ou antropólogo, mas *Elite da tropa*, livro sem o qual o filme não teria sido possível, nos dá um outro espectro, mesmo também se assumindo como ficção. Não estou dizendo que o livro serve de “prova dos nove”. Prefiro vê-lo como filtro das opções de José Padilha, e que mostre o seguinte: a recusa em apresentar soluções não implica ausência de olhar pessoal.

Elite da Tropa é dividido em duas partes. Na primeira (“Diário de guerra”), a história é contada por um narrador parecido com o Capitão Nascimento, ainda que, pela descrição que o narrador faz de si mesmo (um policial do BOPE negro que ganhou uma bolsa de estudos para freqüentar o curso de direito na PUC), ele se assemelhe mais no filme com o personagem André Matias. O narrador não se pretende onisciente e faz um relato pessoal. Podemos ler frases que poderiam ser ouvidas na voz do personagem de Wagner Moura: “O Batalhão de Operações Especiais, BOPE para os íntimos, chega à praça de guerra. Estamos com gana de invadir favela, um puta tesão. Desculpa falar assim, mas é para contar a verdade ou não é?”²⁰ Ao encontrar um viciado em cocaína, ele fala: “Quer dizer que o veadinho veio curtir um branco, não é? Vai ver a boneca também curte fazer passeata vestidinho de branco pedindo paz, hein? Fala, mané!”²¹ E sobram algumas cenas de tortura (algumas das quais não aparecem no filme, como usuários de cocaína engolindo ovo quente, ou traficantes pulando como golfinhos ao levarem choques elétricos em um tonel de água). Mas se Padilha nos poupou de algumas cenas horripilantes (ainda que nos compensando largamente com um “microondas” explícito), ele não escolheu algumas passagens interessantes e que cairiam bem no filme.

Ao relatar um das ações do BOPE, o narrador do livro mostra como ele e um tenente matam uma menina inocente.²² Padilha fez uma escolha ao não usar essa passagem do

O (ab)uso da palavra fascismo: a recepção de *Tropa de Elite* · Pedro Caldas

livro em seu filme. Afinal, mesmo a ambigüidade do Capitão Nascimento deveria ter limites. Tudo bem ter problemas em casa (não é preciso ser policial do BOPE para brigar com a mulher e não ter tempo de cuidar do filho), tudo bem tomar remédios tarja-preta (se somente soldados de elite os ingerissem, a indústria farmacêutica estaria de pires na mão), mas matar involuntariamente uma criança inocente... O espectador pode se identificar com problemas domésticos e noites de insônia, mas o cidadão de classe-média, aquele mesmo que bate no peito e diz “sou uma pessoa de bem, sou uma pessoa de bem”, este cidadão jamais pensaria que pode matar uma criança, mesmo sem querer. Ou seja: se o personagem fosse realmente levado às últimas conseqüências, se fosse nosso guia pelo inferno carioca, imagino que a inclusão de tal cena teria sido vantajosa para a obra. Esta escolha torna mais fácil a conquista de uma fatia dos espectadores que gostaram do filme por verem na estratégia do BOPE uma solução para os problemas sociais do Rio de Janeiro.

E José Padilha fez ainda uma outra escolha: a segunda parte do livro aparece em formato de reportagem dos eventos que giraram em torno ao cerco imposto pelo tráfico à cidade do Rio de Janeiro no dia 30 de setembro de 2002. Nesta parte, o narrador da primeira passa a ser personagem de uma narrativa mais objetiva, que o descreve da seguinte maneira: “O oficial do BOPE, estudante de Direito da PUC, não se reconhece no espelho do ‘Diário de Guerra’, que escreveu há dois anos”.²³ Como as semelhanças do narrador da primeira parte com André Matias são evidentes, cabe perguntar aos roteiristas: por que a inversão do processo de transformação? E isso não é uma escolha? Portanto, sem essa de “visão documental”, mesmo que seja para documentar a platéia que assistiu à obra.

Não me venham com a idéia de que o filme, mesmo não sendo uma tese científica, retrata uma realidade tal como ela é.²⁴ Se o diretor não assume uma posição, se ele apenas apresenta documentalmente uma perspectiva, caberia perguntar por que razão essa mesma perspectiva não foi explorada em outras possibilidades. O diretor fez escolhas. Os roteiristas fizeram escolhas. Nada contra. Mas tudo muito bizarro quando crítica e diretor tentam se esconder sob o manto da neutralidade e da ausência de juízo e se comparam a um instrumento como o termômetro.²⁵ Nesse caso, a equipe faria melhor se deixasse o Urso de Ouro na “Vila dos Diretórios” da PUC.

* **Pedro Caldas é professor adjunto do Instituto de História da UFU.**

¹ BLOCH, A. “Tropa de elite é fascista?” Disponível em <http://www.oglobo.globo.com/blogs/arnaldo/#74806>. Acesso em 11/10/2007. O escritor João Paulo Cuenca, em blog publicado no mesmo jornal, também faz críticas duras ao filme, enfatizando o moralismo unilateral, o papel purificador do BOPE apresentado no filme. Cuenca não usa a palavra fascismo, preferindo taxar o filme de reacionário.

² Idem.

³ MOURA, W. O *Globo*, 25/09/2007.

- ⁴ BARROS, J. A. “Tropa de elite é um tiro de calibre 12 na cara”. *O Globo*, 07/10/2007.
- ⁵ Idem.
- ⁶ Idem.
- ⁷ XEXÉO, A. “O chocante é a platéia”. *O Globo*, 26/09/2007. Ana Paula Sousa afirma algo semelhante: “Que Brasil é este que aderiu de maneira radical ao longa-metragem dirigido por José Padilha? Que filme é este que perdeu o controle da própria feitura, sendo pirateado ainda incompleto? Que sociedade é esta que viu no Capitão Nascimento um herói salvador?” SOUSA, A. P. “Herói torturador”. *Carta Capital*, 10/10/ 2007, p. 22.
- ⁸ Cf. SOUSA, A. P. Op. cit., p. 25.
- ⁹ Aqui me apóio nas teses do historiador Robert Paxton, apresentadas em seu livro *Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- ¹⁰ SONTAG, S. “Fascinante fascismo”. In: _____. *Sob o signo de Saturno*. Porto Alegre: L & PM, 1986, p. 74.
- ¹¹ Ibidem, p. 72.
- ¹² Ibidem, p. 75.
- ¹³ Para uma crítica feroz e divertida do horror burguês à arte moderna, ver ORTEGA Y GASSET, J. *La deshumanización del arte*. Madrid: Alianza, 1991, 7ª. ed.
- ¹⁴ Não vale a pena se aprofundar na diferença óbvia entre conservadores e fascistas, estes muito mais adeptos da purificação total do homem do que aqueles, muito mais próximos da idéia oposta, a saber, de que o homem é essencialmente um ser pecador e faltoso.
- ¹⁵ CAETANO, D. “Na corda bamba, roendo o osso: Sobre a estratégia narrativa de *Tropa de elite*”. *Contracampo*, 13/03/2008. Disponível em: <http://www.contracampo.com.br/90/artcordabamba.htm>. Acessado em 13. Mar.2008
- ¹⁶ Cf. WEBER, M. “Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída”. In: _____. *Ensaio de Sociologia e outros escritos*. Organização de Maurício Tragtenberg. Coleção *Os Pensadores*, Vol. XXXVII. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- ¹⁷ SOARES, L. E.; BATISTA, A.; PIMENTEL, R. *Elite da Tropa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- ¹⁸ VALENTE, E. “Na terceira pessoa do documental”. *Revista Cinética*. Disponível em <http://www.revistacinetica.com.br>.
- ¹⁹ Ibidem.
- ²⁰ SOARES, L. E.; BATISTA, A.; PIMENTEL, R. Op. cit., p. 21.
- ²¹ Ibidem, p. 22.
- ²² Cf. ibidem, pp. 29-30.
- ²³ Ibidem, p. 258.
- ²⁴ Conforme aparece na matéria de *Veja* sobre o filme, denominada “A realidade, só a realidade” *Revista Veja*, 17/10/2007, pp. 81-83.
- ²⁵ Há um relato de um depoimento de Padilha à revista *Carta Capital*, no qual ele compara o filme a um termômetro. Em caso de febre, não se pode culpar o instrumento, mas o organismo adoecido. Cf. SOUSA, A. P. Op. cit., p. 23.